

# **A Crise da(s) Socialização(ões)? La Crise de(s) Socialisation(s) ?**

**Colóquio internacional  
Colloque international**

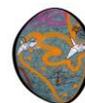
**19 e 20 Abril 2012  
19 et 20 Avril 2012**



## **Atas Digitais/Actes Numériques**

**Universidade do Minho, Braga, Portugal  
ISBN : 978-989-97123-1-7**





**Organização/Organisation:**

Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF); Departamento de Ciências Sociais da Educação – Instituto de Educação – Universidade do Minho; Centro de Investigação em Educação (CIEEd); Centro de Investigação dos Estudos da Criança (CIEC); Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS); Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS).

**Comissão organizadora/Comité d'organisation:**

Alice Delerue Matos, Ângela Matos, Carlos Alberto Gomes, Jean-Martin Rabot, Júlia Tomás, Manuel Sarmento, Maria Custódia Rocha, Natália Fernandes.

**Comissão Científica/Comité Scientifique**

Jean-Martin Rabot, Júlia Tomás, Manuel Sarmento

**Conceção gráfica e formatação/Conception graphique et formatation:**

Júlia Tomás

**Fotografia/Photographie:**

João Catalão

**Editor/Éditeur**

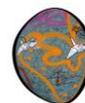
Instituto de Educação  
Universidade do Minho  
Braga, Portugal

**Impressão/Impression**

Copiscan, UNIP. LDA  
Braga, Portugal

**ISBN:** 978-989-97123-1-7

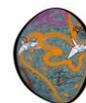
Abril 2012/Avril 2012



Apresentação .....	4
Présentation .....	6
Distributed Papers .....	8
Posters .....	213
Aplicações informáticas/Applications numériques .....	214

Clique sobre os títulos para aceder diretamente aos conteúdos.  
Cliquez sur les titres pour accéder directement aux contenus.

NOTA 1: Os textos em português seguirão o acordo ortográfico escolhido pelos autores.  
NOTE 1 : Les textes en portugais suivront l'accord orthographique choisi par les auteurs.



## Apresentação

A socialização é um termo âncora da sociologia. De certa forma, a partir de E. Durkheim, a socialização condensa em si todo um programa teórico perseguido por algumas correntes estruturantes do pensamento sociológico: o processo pelo qual uma sociedade comunica valores e saberes e garante a sua continuidade e coesão. O estudo dos processos de socialização constitui-se, deste modo, como um tema central do pensamento sociológico.

Com a modernidade, a transmissão dos valores e saberes sociais assumiu formas institucionais e normativas, que se consagraram especialmente em torno da família nuclear, da escola e das organizações de trabalho. Durante décadas, o pensamento sociológico discutiu os processos através dos quais diferentes grupos sociais operavam processos distintos de socialização primária familiar e eram sujeitos à socialização secundária, realizada no contexto da escola pública, reprodutora do capital social dos grupos socialmente hegemônicos. Noutra dimensão, procurou-se discernir estilos de vida e dinâmicas de ação de indivíduos “des-socializados”, em rutura com as normas dominantes, portadores de projetos de vida alternativos ou exibindo comportamentos desviantes. Em qualquer dos casos, o discurso sobre a socialização representou-se sob o modo de uma imposição socialmente realizada, condição necessária ao laço social e à vida coletiva, sem deixar margem de liberdade ao indivíduo para configurar a sua própria norma e estabelecer o laço social a partir de uma proposta em consonância com visões do mundo e projetos de vida diferenciados.

As transformações de uma sociedade em movimento, marcada pela incerteza e inscrita nas rotas do risco social, assinalam o lugar da socialização como um processo em crise, em correlação direta com o declínio das organizações sociais, especialmente as que são investidas da ação socializadora: a família nuclear e a escola.

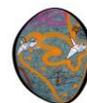
Deste modo, a radicalização do princípio da autonomia do sujeito – já inscrito no processo histórico desde a afirmação dos direitos do homem, mas agora promovido a fundamento da “sociedade dos indivíduos” (Elias) – e da pluralidade dos valores e visões do mundo, inerente a sociedades abertas, pluralistas e multiculturais, fazem emergir não apenas a pluralização das socializações, como a rutura com os processos e dispositivos em que esta se sustenta.

Na auto-construção biográfica, que a radicalização da autonomia propõe, são mobilizados referenciais legitimadores de proveniência variada, para além da família e da cultura escolarmente transmitida: os grupos de pares, as tribos urbanas, os ídolos mediáticos.

Face à vertigem dos princípios e lógicas de ação das instituições socializadoras, emergem como agências promotoras de novas sociabilidades as redes informais, os clubes desportivos e de fãs, em algumas redes de consumo, induzidas por processos fidelizadores de produtos do mercado.

Com a abertura de formas de comunicação virtual e à distância, escrevem-se novas narrativas afiliadoras nos *chats* de conversação, nas redes sociais informáticas, no intercâmbio frenético de imagens, de ideias e de possibilidades de perceção de outras formas de existência?

Com a emergência das sociedades multiculturais promovem-se formas de convivência cosmopolita, questionam-se estereótipos constitutivos de sentidos comunitários ou, alternativamente, reafirmam-se modos de constituição de comunidades-fortaleza, reacendem-se crenças e inventam-se hiperidentidades isolacionistas?



No quadro da análise da turbulência gerada na normatividade constituída, é propósito do colóquio interrogar o sentido da(s) socialização(ões) na contemporaneidade. Essa interrogação debruçar-se-á sobre as transformações e mudanças familiares, a escola, as crianças e a sua educação, as relações intra e intergeracionais, as organizações de trabalho e a influência dos média. Em comum a todos estes níveis e contextos de análise, uma mesma questão: como ocorre a transmissão de valores e saberes na era da “socialização para a individualização” (Beck e Gershein-Beck) e da crise e multiplicação das narrativas fundadoras da modernidade? Será que o conceito de socialização ainda nos fundeia num porto seguro de análise da produção do pensamento sociológico? Finalmente, será que a crise da(s) socialização(ões) não será, também, a crise do próprio conceito de “socialização”? Que outras formas de pensar o social se disponibilizam para pensar os processos de construção dos laços sociais?



## Présentation

Le concept de socialisation est un point d'ancrage de la sociologie. D'une certaine manière, à partir d'E. Durkheim, la socialisation condense en elle-même tout un programme théorique, poursuivie par certains courants de la structuration de la pensée sociologique actuelle : il s'agit du processus par lequel une société communique des valeurs et des connaissances et assure sa continuité et sa cohésion. L'étude des processus de socialisation constitue, par conséquent, un thème central de la pensée sociologique.

Avec la modernité, la transmission des valeurs sociales et des connaissances a pris des formes institutionnelles et des normes qui se sont inscrites tout particulièrement autour de la famille nucléaire, de l'école et des organisations du travail. Pendant des décennies, la pensée sociologique a discuté les aménagements par lesquels les groupes sociaux opéraient à des différents processus de socialisation primaire chez la famille, ou se soumettaient au capital culturel socialement hégémonique, par le biais de la socialisation secondaire qui se manifestait dans le contexte de l'école publique. Dans un autre domaine, la pensée sociologique a essayé de discerner les modes de vie et l'action dynamique des individus « désocialisés », soit disant des individus qui avaient des projets de vie alternatifs ou des comportements déviants qui étaient en contradiction avec les normes dominantes.

En tout cas, le discours sur la socialisation s'est représenté sur un mode d'imposition normatif, vu comme la condition nécessaire au lien et à la vie collective, sans marge de liberté pour l'individu de fixer sa propre norme et d'établir les rapports sociaux qui seraient en accord avec des visions du monde et des projets de vie différenciés.

Les transformations d'une société en mouvement, marquée par l'incertitude et marchant sur les routes du risque social, marquent la socialisation comme un processus en crise, en corrélation directe avec le déclin des institutions sociales, en particulier de celles qui y ont investi : la famille nucléaire et l'école. Ainsi, la radicalisation du principe de l'autonomie du sujet – déjà inscrite, au début de la modernité, dans le processus historique de l'affirmation des droits humains, mais maintenant élu comme principe nucléaire dans la « société des individus » (Elias) – et la pluralité des valeurs et des visions du monde, inhérente à une société ouverte, pluraliste et multiculturelle, fait ressortir non seulement la pluralisation de la socialisation mais aussi la rupture avec les procédures et les dispositifs qui peuvent la soutenir.

Dans la construction autobiographique, que la radicalisation de l'autonomie propose, sont mobilisés des repères de légitimation d'origines variées, au delà de la famille et de la culture académique transmise : les groupes de pairs, les tribus urbaines, les idoles médiatiques.

Étant donné le vertige des principes et de la logique de l'action des institutions de socialisation, d'autres agences émergent comme promotrices de nouvelles sociabilités : les réseaux informels ; les clubs sportifs et d'amitiés ; certains réseaux de la consommation, induites par les marchés.

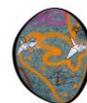
Avec les nouvelles formes de communication virtuelle et à distance, on écrit de nouveaux récits d'affiliation par la conversation en chat, par les réseaux sociaux informatiques, par l'échange frénétique d'images qui puissent se configurer comme des idées et des possibilités de perception d'autres formes d'existence.

Avec l'émergence de sociétés multiculturelles on construit des formes de vie cosmopolite, on questionne les stéréotypes constitutifs du sens-commun ou, alors, on



réaffirme les modes de formation des communautés-forteresse, on revivifie les croyances et on invente des hyper-identités isolationnistes.

Tenant en compte l'analyse de la turbulence produite au sein de la normativité établie, le colloque a comme propos celui de questionner le sens de(s) socialisation(s) dans le monde contemporain. Ce questionnement renversera sur les bouleversements et les changements familiaux et scolaires, sur les enfants et son éducation, sur les relations intra et intergénérationnelles, sur l'influence des médias. Conjointe à tous ces niveaux et contextes d'analyse, une question d'ensemble se pose : quelle est la transmission des valeurs et des connaissances dans l'ère de la « socialisation à l'individualisation » (Beck et Gershein-Beck) et de multiplication des grands récits fondateurs de la modernité ? Le concept de socialisation est-il encore un refuge sûr dans l'analyse de la production de la pensée sociologique ? Finalement, la crise de(s) socialisation(s) n'est/ne sont elle (s) pas aussi la crise du concept de « socialisation » ? Quelles autres formes de penser le social se présentent disponibles pour examiner les processus de construction des liens sociaux ?



## Distributed Papers

### **Aprender com a vida: Retratos e trajetórias de adultos portugueses pouco escolarizados**

Apprendre avec la vie : Portraits et trajectoires des adultes portugais peu scolarisés

Alexandra Aníbal

### **Aprender a viver num mundo em mudança: a socialização dos avós pelos netos na perspectiva dos adolescentes**

Apprendre à vivre dans un monde en mutation : La socialisation des grands-parents par les petits-enfants du point de vue des adolescents

Alice Delerue Matos, Rita Borges Neves, Patrícia Silva

### **Discussão teórica acerca da relação entre fotografia e escola**

Débat théorique sur le rapport entre photographie et école

Amanda Nogueira

### **A ponte e a porta. A formação das identidades como processo de socialização e de dessocialização**

Le pont et la porte. La formation des identités comme procès de socialisation et de déssocialisation

Ana Leite

### **Penser la crise de la socialisation professionnelle des enseignants français : un changement de modèle ?**

Pensar a crise da socialização profissional dos professores franceses: uma mudança de modelo?

Benjamin Gesson

### **A sociedade nos indivíduos, os indivíduos em sociedade: a construção de elos entre imigrantes peruanos no Brasil**

La société dans les individus, les individus en société : la construction de liens entre les immigrants péruviens au Brésil

Camila Daniel

### **“De pequenino/a se socializa o/a menino/a”: O Orçamento Participativo enquanto processo de socialização para a cidadania**

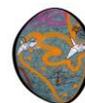
‘C’est lorsqu’il est tout petit que l’on socialise l’enfant’ : Le Budget Participatif comme procès de socialisation pour la citoyenneté

Catarina Tomás e Ana Matos

### **Processos de Socialização Online: Novos Entraves e Desafios à Luta pela Igualdade de Género**

Processus de socialisation on-line : nouveaux obstacles et défis de la lutte pour l’égalité du genre

Custódia Rocha



**Socialização e sustentabilidade: ruídos de uma comunicação mediatizada**

La socialisation et le développement durable: les bruits d'une communication médiatisée

Denise Hosana de Sousa Moreira

**Quando as palavras não chegam...**

Quand les mots manquent...

Esmeralda Cristina Tauber e Luzia Pinheiro

**Proposta de comunicação**

Francisco Pinheiro

**Socialização e aprendizagem colectiva**

Socialisation et apprentissage collectif

Irene Santos

**A socialização em contextos educativos não-escolares**

La socialisation en contextes éducatifs non-scolaires

José Palhares

**Confeccionar o comum na escola a partir da individuação: a socialização política à prova nas formas de habitar a escola**

Confectionner le commun à l'école à partir de l'individuation : la socialisation politique à l'épreuve dans les formes d'habiter l'école

José Manuel Resende

**A invisibilidade social, uma construção teórica**

L'invisibilité sociale : une construction théorique

Júlia Tomás

**Socializações em rede: experiências juvenis do bairro à Internet**

Socialisations en réseau : expériences juvéniles de la cité à Internet

Juliana Batista dos Reis e Juarez Dayrell

**Qual é a cor da cultura na educação infantil?**

Quelle est la couleur de la culture à l'école maternelle

Leni Vieira Dornelles e Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher

**A socialização para a excelência na escola pública portuguesa**

La socialisation pour l'excellence dans l'école publique portugaise

Leonor Lima Torres & José Augusto Palhares

**Conceito de infância pelas crianças: as socializações**

Le concept d'enfance par les enfants : les socialisations

Luciana Ponce Bellido Giraldi



### **Novas formas de sociabilização**

Nouvelles formes de Sociabilité

Luzia De Oliveira Pinheiro e Maria Odete Coelho

### **A Internet como vetor de novas socializações: a dialética do real e do virtual**

L'Internet comme vecteur de nouvelles socialisations : la dialectique du réel et du virtuel

Mafalda da Silva Oliveira

### **Recompositions familiales et socialisation : le cas de la socialisation politique par les belles-mères**

Recompositions familiales et socialisation : le cas de la socialisation politique par les belles-mères

Manon Réguer-Petit

### **O Homem de negócios contemporâneo: três socializações?**

L'homme d'affaires contemporain : trois socialisations?

Márcio Sá

### **Universo de programas: a política de educação do campo em Sergipe**

Un univers de programmes : la politique d'éducation des campagnes à Sergipe

Marilene Santos

### **Histórias de vida e processos de socialização: o caso dos trabalhadores portugueses em processos de reconhecimento de competências**

Histoires de vie et processus de socialisation : la cas des travailleurs portugais en processus de reconnaissance de compétences

Pedro Abrantes

### **Confinar o “rebanho”: uma idéia absurda...(mente) recorrente na escola de educação da infância**

Enfermer le “troupeau” : une idée absurde et récurrente dans l'école d'éducation de l'enfance

Rosana Coronetti Farenzena

### **Jeunes, lutte contre le VIH/SIDA et construction identitaire au Cameroun**

Jovens, luta contra o VIH/SIDA e construção identitária nos Camarões

Vivien M. Meli e Honoré Mimche



## Processos de Socialização Online: Novos Entraves e Desafios à Luta pela Igualdade de Género

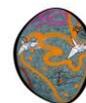
Custódia Rocha  
Prof. Auxiliar  
Universidade do Minho  
[mcrocha@ie.uminho.pt](mailto:mcrocha@ie.uminho.pt)

**Resumo:** Ao longo da história da humanidade foi-se consolidando um conjunto de crenças, quantas vezes convertidas em teorias e modelos cientificamente validados, que contribuíram para uma diferenciação hierárquica entre o feminino e o masculino. Estas crenças engendraram vários processos de socialização que hoje são multiplicados através de uma tecnologia revolucionária: A internet. Nas redes sociais, vistas como comunidades de partilha de ideologias, comportamentos, interesses comuns, de interações e *loci* de várias socializações, circulam conteúdos associados ao sexo e ao género de uma forma tão acelerada quanto ilimitada.

Tendo percorrido várias páginas criadas no Facebook – uma rede que pôs em comunicação quase 600 milhões de pessoas em todo o mundo – neste texto fazemos uma reflexão sobre o poder que esta rede pode adquirir na reconsolidação de processos de socialização generizada. É que os conteúdos digitais não são vazios de sentido. Pelo contrário, quando associados ao sexo e ao género, reafirmam velhas crenças numa rede global de novas socializações. Na era da revolução tecnológica, há grupos hegemónicos que encontram uma fonte de lucros na reconstrução e na difusão da ideia de que o feminino e o masculino são identidades natural e socialmente diferentes e que, desta feita, exercem um grande poder na manutenção de uma ordem social eminentemente desigualitária.

### Processus de socialisation on-line: Nouveaux obstacles et défis de la lutte pour l'égalité du genre

**Résumé :** Tout au long de l'Histoire de l'humanité on a construit un ensemble de croyances, bien souvent converties en forme de théories et de modèles scientifiquement validés, qui ont contribué à une différenciation hiérarchique entre le féminin et le masculin. Ces croyances ont permis la construction de divers processus de socialisation qui aujourd'hui se multiplient grâce à une technologie révolutionnaire: l'internet. Sur les réseaux sociaux, vus comme des communautés de partage d'idéologies, de comportements, d'intérêts communs, d'interactions et *loci* de plusieurs socialisations, circulent des contenus liés au sexe et au genre d'une forme aussi rapide qu'illimitée. Ayant parcouru plusieurs pages créées sur Facebook – un réseau qui a mis en communication presque 600 millions de personnes dans le monde entier – dans ce texte nous réfléchissons sur le pouvoir que ce réseau peut acquérir dans la reconsolidation des processus de socialisation générée. Les contenus digitaux ne sont pas vides de sens. Au contraire, lorsqu'ils sont associés au sexe et au genre ils réaffirment de vieilles croyances dans un réseau global de nouvelles socialisations. À l'ère de la révolution technologique, il y a des groupes hégémoniques qui trouvent une source de revenus monétaires dans la reconstruction et dans la diffusion de l'idée que le féminin et le



masculin sont naturel et socialement différents et qui, de ce fait, font l'exercice d'un grand pouvoir sur la manutention d'un ordre social éminemment non égalitaire.

## Introdução

Com o estudo de caso que neste trabalho apresentamos, após ter procedido a uma reflexão sociológica em torno do conceito de socialização, temos como principal intuito problematizar uma série de conteúdos digitais e de discursos constitutivos de uma socialização generizada<sup>1</sup>. Estes conteúdos e discursos circulam nas redes sociais, nomeadamente no facebook – uma das redes que pôs em comunicação quase 600 milhões de pessoas em todo o mundo – e permitem-nos questionar a possibilidade e a capacidade que os actores sociais, rapazes e raparigas, homens e mulheres têm de, num contexto social marcado pela era digital, delimitar e questionar os processos e as formas de segregação de género que se lhes apresentam nesta rede global de discussão, partilha e convivência, em suma de socialização.

As seguintes questões orientam este nosso estudo e é sobre elas que pretendemos refletir com a elaboração do mesmo. Que contributos sociológicos afirmam a socialização generizada? Que instituições e grupos (hegemónicos) têm instituído processos de socialização generizada? Que manifestações imagéticas e discursivas suportam formas e processos de socialização generizada? E que outras os desconstroem? Que possibilidades existem na era das socializações em rede de se configurar processos de socialização que não sejam eminentemente generizados?

Para a efetivação deste estudo, foram percorridas várias páginas às quais se pode aceder livremente através de um motor de busca (Google) sem qualquer inscrição prévia na rede social facebook. Das páginas percorridas somente retivemos algumas “fotos do mural” (imagens), mostrando o nº de “gostos” sinalizados, o nº de “partilhas” e alguns dos “comentários” (discursos) sobre as mesmas. Não tratamos confidencialmente os nomes das “comunidades” nem dos seus aderentes uma vez que se tratam de páginas de acesso livre<sup>2</sup>.

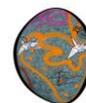
A análise de conteúdo, que assiste a este estudo, exigiu que se construísse categorias analíticas, tais como: “A diferenciação entre o feminino e o masculino”; “A alocação das mulheres ao desenvolvimento de tarefas domésticas”; “A sexualização das mulheres no âmbito do público/masculino”; “A reconstrução do “perfil tradicional” das mulheres”; “A inversão dos papéis tradicionais”; “A reconstrução do perfil tradicional dos homens”; “A desconstrução dos estereótipos de género”.

Na delimitação de uma hipótese geral, as imagens e os discursos, teoricamente suportados, são aqui tidos na sua dualidade significativa – as imagens e os discursos, na sua correlação, não são somente conteúdos de produção e reprodução que constroem e obrigam a uma socialização generizada mas podem adquirir, também, feições de desconstrução que capacitam para a igualdade de género e, até, para a degeneração do social.

---

<sup>1</sup> Os neologismos *generizada(s)*, *generizado(s)* são assumidos neste trabalho enquanto tradução do termo anglo-saxónico *genderized*. Prevalece na literatura a utilização do neologismo “generificado” ou “genderizado” quando autoras e autores se querem referir a um processo ou uma prática social que é constituída e constituinte dos géneros ou para se referir a algo que está relacionado com o género. A opção pela utilização do neologismo *generizada(s)*, *generizado(s)*, neste trabalho, deve-se ao facto deste neologismo constituir, em si, um participio verbal simultaneamente activo e causativo que implica fundamentalmente a ideia de que algo/alguém provoca e/ou é causa de acções e contextos que resultam e/ou se manifestam marcados por concepções (muitas vezes estereotipadas) relativas às relações sociais de género.

<sup>2</sup> Escolhemos as páginas que tinham (têm) aderentes/amigos que pertencem ao nosso próprio grupo de amigos no facebook.



O seguinte quadro esclarece sucintamente a natureza e composição das páginas percorridas e analisadas (tal como sinalizado nas mesmas) em março de 2012. Recomenda-se a sua consulta sempre que a análise em desenvolvimento o exigir.

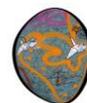
Quadro 1 – Breve descrição do panorama de investigação

Nome da Página	Descrição Formal do Conteúdo da Página	Género do/a Proprietário/a	País de Proveniência	Nº. Aderentes
<b>“Comunidades de entretenimento”</b>				
Altas Risadas	Comediante	Não explícito	Não explícito	2.505.553
Humor no Face	Entretenimento	Masculino: Matheus Quintãs de Castro	Não explícito	2.243.267
Pânico na Internet	Comediante	Masculino: Raiphy Pinheiro	Não explícito	1.366.493
Cenasmaradas	Comunidade	Não explícito	Não explícito	315.036
Tá Feio	Entretenimento	Não explícito	Não explícito	260.983
O Humor em Pânico	Entretenimento – Página Generalista	Neutro	Não explícito	244.486
Adoro coisas que me façam rir	Site – Artes e Entretenimento	Não explícito	Não explícito	15.307
Poder Feminino	Comunidade Net	Não explícito	Não explícito	3.148
Chistes Feministas	Comunidade	Não explícito	Não explícito	643
I'm not saying it was feminists, but it was feminists.	Personagem Fictícia	Não explícito	Não explícito	154
Nº Total de Aderentes				6.955.070

## Desenvolvimento

### 1. Institucionalização Sociológica dos Processos de Socialização Generizada

A diferenciação assimétrica entre a concepção de pessoa masculina e de pessoa feminina, e a sua permanente construção e reconstrução social, ancora-se num longo e amplo processo cultural e civilizacional. No mundo ocidental muitos pensadores, filósofos, teóricos e académicos encarregaram-se de explicitamente produzir e



reproduzir ideologias associadas ao sexo e ao género, no âmbito das mais variadas ciências, incluindo as ciências humanas e sociais.

Muito particularmente no âmbito da sociologia da educação, esta diferenciação assimétrica foi suportada por um programa teórico em torno do conceito de socialização. Na sociologia moderna, e muito particularmente com os teóricos do funcionalismo, a socialização foi concebida como um processo de necessária imposição de valores e normas de atuação, ao serviço de um “Estado Educador” que tinha como propósito assegurar a coesão social numa sociedade homogénea e isenta de conflitos. Os agentes de socialização privilegiados eram a família nuclear, a escola e as organizações de trabalho.

Émile Durkheim (1929: 34-63) considera que “não podemos, nem devemos nos dedicar todos ao mesmo género de vida; temos, segundo nossas aptidões diferentes funções a preencher, e será preciso que nos coloquemos em harmonia com o trabalho que nos incumbe”, pois “cada profissão constitui um meio *sui-generis* que reclama aptidões particulares e conhecimentos especiais” [...]. E, porque “todo o futuro do indivíduo se acha fixado de antemão”, considera ainda o autor, “a educação não pode aí fazer muito”, pois “a criança”, pelos constrangimentos da educação, “fica, por condição natural, num estado de passividade perfeitamente comparável àquele em que o hipnotizado é artificialmente colocado”. Por isso, a grande função da educação é “conduzir-nos a ultrapassar a natureza individual: só sob esta condição, a criança tornar-se-á um homem”.

A obra de Durkheim parece consolidar a ideia de que “as diferenças entre os sexos e a divisão do trabalho sexual caracterizam o estágio civilizado das sociedades” e que “a inferioridade das mulheres é uma condição necessária”. Por isso, o autor “não hesita em recorrer à ‘evidência’ sobre os volumes dos cérebros para mostrar que a perda de capacidades intelectuais é indispensável para que as mulheres desenvolvam os atributos que distinguem a feminilidade e lhes permitem a especialização em funções afectivas, enquanto as funções intelectuais ficam reservadas aos homens” (Amâncio, 1994: 19).

É n’ *O Suicídio* (1989b: 352, original de 1897) que Durkheim estabelece com maior rigor a diferença entre o *privado* como âmbito de actuação das mulheres e o *público* como âmbito de actuação dos homens. Diz o autor: “A sua sensibilidade [da mulher] é muito mais rudimentar que desenvolvida. Como vive mais que o homem fora da vida comum, a vida comum penetra-a menos: a sociedade é lhe menos necessária porque está menos impregnada pela sociabilidade. Tem poucas necessidades que precisam de ser satisfeitas por este lado, e contenta-as com pouco custo. Com algumas práticas de devoção, alguns animais de que cuidar, a velha menina tem a sua vida preenchida [...]. É um ser social mais complexo [...], a sua estabilidade moral depende de mais condições” [e, é por isso] que se perturba tão mais facilmente”.

Talcott Parsons, no seu estudo *La Clase como Sistema Social: Algunas de sus Funciones en la Sociedad Americana* (1985: 53 – 60), define a educação como uma instância de socialização para valores, normas e saberes que conduzam à integração social. A socialização da criança é efectuada em primeiro lugar com a família, em segundo com o grupo de pares, em terceiro com a escola, através da figura da professora. A educação é também uma instância de selecção social devendo satisfazer na ordem e na harmonia uma divisão do trabalho cada vez mais complexa.

Parsons e Bales, na obra *Family, Socialization and Interaction Processes* (1956), na linha dos estudos anteriores de Talcott Parsons, fizeram a distinção entre as orientações dos papéis sociais dos homens (carácter *instrumental* – autonomia individual,



independência, competição, rendimento e produtividade nas tarefas) e das mulheres (carácter *expressivo* – assimilação ao grupo, integração, estabilidade, coesão). Todas as instâncias de socialização, entre as quais a família, a escola, e o grupo de pares consolidam as diferenças da valorização ou desvalorização social dos papéis sociais masculinos e femininos.

A análise destes sociólogos ao recair “numa perspectiva claramente sociológica no bom sentido do termo: os lugares e as actividades dos indivíduos não são consideradas como derivando da sua natureza ou das suas capacidades próprias mas sim da organização social [...] e ao falar em ‘papéis’ das mulheres e dos homens dá um grande passo em direcção à desnaturalização das posições e das ocupações respectivas dos sexos” (Delphy, 1991: 90). Mas, simultaneamente, esta análise, ao delimitar o papel dos pais (homens) essencialmente ligado às tarefas *instrumentais* do papel diferente e *expressivo* das mães centrado nas emoções, parece em muito ter contribuído para “fundamentar a necessidade das diferenças nos perfis de personalidade de homens e mulheres e na desejabilidade social dos seus respectivos padrões comportamentais” e é indicadora de que há uma “distinção nos papéis sexuais que, embora complementares no seio da família, são quantitativa e qualitativamente assimétricos”. E isto porque “o equilíbrio da personalidade masculina resulta, precisamente, da diversidade de papéis, enquanto o da personalidade feminina se restringe ao desempenho do papel familiar”. Há, assim, na análise de Parsons e Bales “uma conceptualização que diferencia assimetricamente e hierarquicamente os papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres” (Amâncio, 1994: 21).

A este propósito, não poderíamos deixar de referenciar a análise efectuada, nos finais dos anos sessenta, por Amitai Etzioni (1969) sobre o ensino, o trabalho social, a enfermagem e o trabalho bibliotecário e a delimitação destas profissões enquanto *semiprofissões*. A razão evocada pelo autor para esta delimitação assenta no facto de estas serem “altamente feminizadas”. Veja-se, também, a análise que Richard Simpson e Ida Simpson (1969) fazem sobre a presença das mulheres nas organizações escolares, defendendo, explicitamente, que esta presença é o factor responsável pelo reforço do controlo burocrático e pela ênfase colocada na autoridade hierárquica e nas regras. Para além disso, esta presença, em si, seria o factor responsável pela pouca autonomia dos trabalhadores nas organizações escolares.

As perspectivas sociológicas clássicas, e muitas perspectivas do âmbito da sociologia da educação, consolidaram a ideia da (necessária) divisão entre o público (masculino/racional) e o privado (feminino/emotivo) e ainda a ideia de que as desigualdades entre os géneros são algo de inevitável porque inscritas na *natureza humana*. Daí, também, nada mais *natural* do que mobilizar os indivíduos e integrá-los na estratificação social através de um trabalho eficaz de socialização. A socialização é uma poderosa força integrativa dos indivíduos na sociedade e visa a harmonia social. Deste modo, há que procurar, mesmo que de forma subtil, que as mulheres e os homens interiorizem a racionalidade desigualitária e aceitem as regras da competição próprias de uma dada estrutura social e económica. Como se sabe, estas perspectivas foram violentamente criticadas.

Nos seus conhecidos escritos sobre *A Dominação masculina*, Bourdieu (1999: 71) defende ser necessário “reedificar a história do trabalho histórico de deshistoricização ou, se se preferir, a história da (re)criação continuada das estruturas objectivas e subjectivas da dominação masculina que se realizou de modo permanente, desde que há homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se viu continuamente



reproduzida de época em época”. As contribuições da reprodução permitem falar da escola e dos processos educativos enquanto espaços de socialização primária e secundária conducentes à diferenciação em que regras explícitas e/ou invisíveis moldam as identidades dos actores (sujeitos) e que evidenciam a reprodução da masculinidade hegemónica. Nesta linha de análise, os grupos dominantes na sociedade têm o poder e o estatuto para impor o sistema de valores de referência e a ideologia que serve para legitimar e perpetuar a dominação masculina.

Pierre Bourdieu (1999: 74-80) reconhecendo, embora, que é no contexto do sistema de ensino que se operam os maiores desafios à dominação masculina, não deixa de defender que a escola “continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal baseada na homologia da relação homem/mulher e adulto/criança”. O autor constata que as mulheres tendem a proliferar, por oposição aos homens, entre as fileiras de ensino “mais analíticas, mais práticas e menos privilegiadas”, que os cargos de maior responsabilidade desempenhados pelas mulheres tendem a situar-se, sobretudo, em “regiões diminutas do campo do poder” e que “as funções que convêm às mulheres situam-se no prolongamento das funções domésticas – ensino, prestação de cuidados, serviço”.

De facto, “as ciências sociais têm procurado evidenciar a forma como a área do trabalho, incluindo a do sector estatal, se organiza de forma estratificada, conduzindo as mulheres, que em períodos determinados acedem ao mercado de trabalho, para postos subalternos, de pior remuneração, maior instabilidade e exigindo menores qualificações. Assim, a força de trabalho feminina é sistematicamente afastada de posições de chefia” (Araújo, 1990: 81) mesmo que as mulheres sejam maioritárias em determinados contextos de trabalho, como é o caso da educação formal. Contudo, “[...] a questão não se situa [...] ao nível da actividade desenvolvida, mas sim ao nível do significado social que lhe é atribuído e da posição do indivíduo no sistema social associada a esse significado, tal como mostra a análise sociológica da construção social do género” (Amâncio, 1994: 26).

A análise sociológica da construção social do género e da (re)criação continuada das estruturas objectivas e subjectivas da diferenciação assimétrica entre o feminino e o masculino tem abarcado diversas dimensões e tem-se estendido, principalmente no âmbito da sociologia, à relação existente entre género(s) e processos de socialização. Tem vindo a mostrar-se como os rapazes e as raparigas, os homens e as mulheres vivem as experiências dos seus mundos através de relações sociais de género contextualizadas e têm expectativas sobre si a partir de uma série de elementos constitutivos do social. Num sistema social em que ao longo dos tempos se foi instituindo uma ideologia largamente consensual que diferencia o masculino e o feminino através da desejabilidade social das suas características, os processos de socialização primária e secundária vão contribuindo para a interiorização das “identidades de género” socialmente aceitáveis (Amâncio, 1994).

Há, pois, a nível social “formas objectivas de discriminação” que, tal como a “expressão subjectiva das mesmas [...] têm a sua origem numa forma de pensamento social que diferencia valorativamente os modelos de pessoa masculina e feminina e as funções sociais dos dois sexos na sociedade”. E, se é certo que não se pode “transformar o processo de socialização numa espécie de marcação natural das diferenças entre os sexos, que uma vez estabelecida na infância e na adolescência acompanha, irreversivelmente, toda a vida adulta” (Amâncio, 1994: 15-27), também é certo que se exige um repensar sobre as tradicionais delimitações da atuação predominante dos



“processo de socialização”, sobretudo quando pensamos nas novas formas de socialização/socializações que se vivenciam na chamada era da revolução tecnológica e das redes sociais.

Em alguns estudos sobre as relações sociais de género, na sua relação com a problemática das socializações, tem-se falado em processos de “socialização de género” ou de “socialização generizada” e tem-se mostrado como estes processos se desenvolvem em diversos contextos sociais e organizacionais. Nesses estudos concebe-se a socialização como um processo permanente que se inicia na infância e se desenvolve na idade adulta, presta-se atenção aos processos de socialização primária (tais como a família, a escola, os grupos de pares, os media) e aos processos de socialização secundária (tais como os sindicatos, as associações, os contextos de trabalho) e analisam-se as dinâmicas pessoais (identitárias) que se formam sob influência de todos estes processos, ora de forma separada, ora na sua correlação.

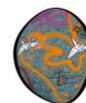
Nesta sequência, não se tem descurado a redefinição plural dos processos de socialização alertando-se para o facto de que não existe uma mas várias e plurais socializações, desde a pequena infância à idade adulta, defendendo-se que, nas diversas socializações ao longo da vida, “o indivíduo não está reduzido a uma postura passiva ou reativa perante as influências de que é alvo”, como defendia Durkheim, mas que o mesmo, pelo contrário, enquanto sujeito-actor social, é capaz de dar sentido e de (re)orientar as suas diferentes experiências de vida nos seus diferentes tempos e lugares de socialização. “É a conceção de um sujeito actor da sua socialização” (Rouyer *et. al.*, 2010).

Esta conceção, se bem que mostre como os processos de socialização se devem explicar por via do social, tende a diluir a força impositiva, embora muitas vezes dissimulada, com que determinados processos de socialização são instituídos por uma série de grupos hegemónicos (de que a análise de Bourdieu dá conta) e que, na era digital, têm como intuito principal auferir lucros através da produção de conteúdos digitais com os quais se reinstitui a ideia de que as masculinidades e as feminilidades devem ser vistas como *naturalmente* diferentes, mesmo quando desenvolvem funções no âmbito do público.

## **2. A Construção Hegemónica dos Conteúdos Digitais Generizados**

Tem vindo a dizer-se que existem várias modalidades de apropriação dos conteúdos digitais acessíveis na rede por parte dos utilizadores, não sendo de excluir que a apropriação contempla, entre outras, possibilidades de desvios, de contornos, de reinvenção ou mesmo de participação direta dos utilizadores na conceção das inovações (Breton e Proulx, 2002). Perante isto, perguntamos: Que possibilidades têm os adolescentes, raparigas e rapazes, e mesmo os adultos, mulheres e homens, de participar diretamente na “conceção das inovações” ou de, pelo menos, contornar o digitalmente imposto por grupos sociais que dominam as TIC e que as utilizam para reforçar a sua influência na organização da sociedade?

Esta questão tem vindo a merecer reflexão por parte de algumas correntes da estruturação do pensamento sociológico atual com base nos trabalhos de Anthony Giddens sobre o interacionismo simbólico: os comunicadores criam sistemas sociais que respondem aos seus próprios objetivos e ligam-se entre eles através das suas próprias criações. Outros autores, através da designada “teoria da estruturação adaptativa” têm vindo a mostrar como “os grupos que melhor conseguem apropriar-se dos novos recursos de informação – neste caso a Internet – são capazes de influenciar de



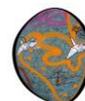
forma decisiva a sociedade e as suas regras. São capazes de contornar a tecnologia para a adaptar aos seus objetivos, o que não é o caso dos grupos que posteriormente adoptam a inovação”. Desta feita, o “digital divide”, e nomeadamente o “gender digital divide” não se reporta somente a uma questão de desigual acesso e uso da tecnologia, mas constitui, essencialmente, “um fosso entre os que têm a capacidade de utilizar as TIC para influenciar o desenvolvimento da sociedade e os outros” (Valenduc e Vendramin, 2004: 14).

Há que referir que pese embora algumas diferenças de país para país, persistem fatores culturais que reforçam a imagem masculina das TIC: “os estereótipos relativos à cultura profissional da informática são uma mistura da cultura de dominação do programador e da cultura alternativa do utilizador” (Valenduc e Vendramin, 2007: 2-3). Nesta sequência, há que sinalizar que os *inovadores* são a pequena minoria dos pioneiros da Internet nas universidades, centros de investigação e empresas. As suas inovações são rapidamente apropriadas nomeadamente por parte daqueles que têm uma boa intuição das potencialidades da inovação e dos benefícios que dela podem retirar. Delimitam a agenda do desenvolvimento das tecnologias e dos serviços e criam um efeito de demonstração que é essencial para proceder à difusão em grande escala. Influenciam o modelo económico de difusão e dão forma a diversas clivagens (Valenduc e Vendramin, 2004).

De entre essas clivagens encontram-se as relacionadas com as relações sociais de género. Pois, “em muitos aspectos, a Internet reproduz o *status quo* de género predominante na sociedade. Atividades relacionadas com o controlo de nível superior do conteúdo, da infra-estrutura e dos recursos online são exercidas principalmente pelos homens” (Herring, 2001) que de aqui retiram proveitos financeiros. De tal forma assim é que “hoje, a ideia de comunidade na Internet é incarnada pelas redes sociais da Web 2.0. Não é um sonho nem um pesadelo mas um comércio que transforma as ligações hipertexto e as ligações humanas em produtos de moeda”. Assim acontece com o “Facebook, Twitter e afins que capitalizam os recursos dos utilizadores” (Lechner, 2012).

A este propósito, “convém não esquecer que o batalhão de advogados de Mark Zuckerberg (criador do Facebook) trabalha diariamente para um objetivo: conseguir maximizar o uso comercial que dá aos dados dos utilizadores minimizando o impacto da ilegalidade daí resultante. Zuckerberg não está rico à toa, faz fortuna em cima dos seus dados, sim, do que você coloca nesta rede social” (*Falar Global*, janeiro 2012).

Na era tecnológica e das ligações que trazem proveito monetário para os que concebem conteúdos digitais e para os comercializam os dados dos utilizadores, o universo das socializações dos adolescentes deslocou-se “dos pais para os pares”. Agora, por força das redes sociais, os pares, mais do que os pais, ou em paralelismo com estes, ocupam um lugar essencial na escolha das suas sociabilidades. Assim acontece pelo número de horas passadas online em casa (muitas vezes sem controlo parental) e na escola (dotada cada vez mais de equipamentos), pela multiplicação dos modos de troca, partilha e comunicação com um cada vez maior número de “amigos”, mesmo que virtuais. Desta forma se propicia a “autonomia relacional” dos adolescentes na construção das suas identidades. Trata-se, para todos os efeitos, de uma “geração conetada” (Metton, 2004). A título de exemplo veja-se que em França, hoje, há cerca de 33 milhões de internautas, ou seja, 60% da população. Mais de 10 milhões tem uma conta no facebook, 75% dos adolescentes franceses considera que “ter Internet é importante para se sentir integrado na sociedade”. 89% dos adolescentes na União Europeia já não consegue conceber a



vida sem redes sociais por estas contribuírem em larga medida para a sua socialização entre pares (Lefret, 2011). E, “há mais 4 milhões e 173 mil portugueses que têm conta no Facebook. Um total que aumenta quase todos os dias. E porquê? Porque é tão fácil entrar nesta rede social como é impossível sair. Mesmo quando se exige isso à empresa de Mark Zuckerberg [...]” (*Falar Global*, janeiro 2012).

### 3. Online: Conteúdos Digitais Generizados

As “comunidades de entretenimento”, tal como elas próprias se classificam em diversas páginas do Facebook, têm a particularidade de serem frequentadas particularmente por jovens, rapazes e raparigas, isto se atendermos aos perfis que os utilizadores nos apresentam e que podem, como sabemos, ser falsos perfis. De qualquer forma, nestes perfis constam dados pessoais e fotografias que revelam a inscrição explícita dos seus aderentes no género masculino ou no género feminino. A busca por nós efetuada permite-nos analisar os conteúdos digitais das páginas destas comunidades inscrevendo em várias categorias de análise, tal como de seguida elas se apresentam:

#### a) A diferenciação (assimétrica) entre o feminino e o masculino

##### Diferenças nos hábitos quotidianos:



##### Diferenças na utilização dos espaços pessoais:





## Diferenças na utilização dos espaços conjuntos:

**O que uma mulher ve**



**O que um homem ve**



**HUMOR** O Humor Em Pânico  
20/3

Amigos, curto e recomento esta página:  
[www.Facebook.com/humorempanico](http://www.Facebook.com/humorempanico) — com kk e Anibal Ramirez Risso.

Gosto · Comentar · Partilhar

228 pessoas gostam disto.  
456 partilhas  
Ver comentários anteriores 50 de 55

**Alexandre Silva Ribeiro** faço no automático rrrrrrrrrrr  
20/3 às 13:41 · Gosto

**Pedro Pedroso** HHHHHHHHHH  
20/3 às 14:08 · Gosto

**Kassiano 5ds** fasso isso desde nasci....  
ahsuahsuahsu  
20/3 às 14:48 · Gosto

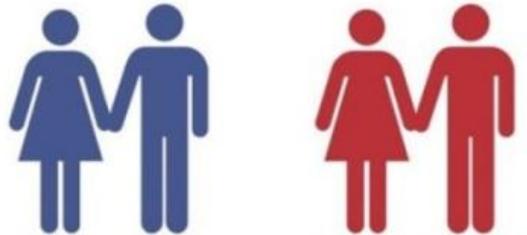
**Leandro Pereira** HHHH , raxei  
20/3 às 15:47 · Gosto

## Diferenças nos comportamentos e percepções das relações amorosas sexuais:

**HOMENS MULHERES**



**TRANSAM QUANDO PODEM** **TRANSAM QUANDO QUEREM**

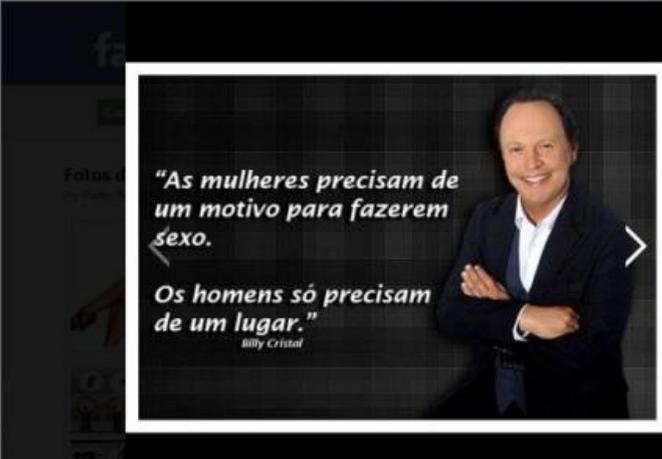


**Poder feminino**  
14 de Dezembro de 2011

Verdade universal.

Alanna Caroline, Lidiane Del Pupo, Carla Pires Santos e outras 4 pessoas curtiram isso.  
4 compartimentos

**Nuno Martins Lol**  
15 de Dezembro de 2011 às 05:16



**Poder feminino**  
18 de Novembro de 2011

Nelson Silva, Thais Vieira, Carol Ramos e outras 4 pessoas curtiram isso.  
21 compartimentos

**Erica Bernardino Oliveira** HHHH boa  
18 de Novembro de 2011 às 16:57

*"As mulheres precisam de um motivo para fazerem sexo.  
Os homens só precisam de um lugar."  
Billy Cristal*



## Diferenças na exibição e percepção dos corpos:

**TÊNIS FEMININO**

**TÊNIS MASCULINO**

**Poder feminino**  
23 de Novembro de 2011

Tênis feminino vs masculino: as mulheres ganham tb pela beleza...lol

Gabriel Pereira e Mariza SandovalNájera curtiram isso.

2 compartimentos

### ATUALIZANDO AS REDES SOCIAIS:

**Foto do perfil dos homens**

**Foto do perfil das mulheres**

**Poder feminino**  
5 de Novembro de 2011

Diferenças entre homem e mulher no facebook...

Mariana Constantino, Jéssica Oliveira, Bento Qasual e outras 3 pessoas curtiram isso.

4 compartimentos

Mariana Constantino [iuhaiuhaiuhaiuhaisu](#)  
7 de Novembro de 2011 às 08:58

**A diferença entre homens e mulheres**

**O Humor Em Pânico**  
28/2

Eu até encolho a barrig, digo os músculos pra ficar melhor na foto... — com Fernando Fonseca.

Gosto · Comentar · Partilhar

218 pessoas gostam disto.

589 partilhas

Srta Montenegro #fato  
28/2 às 17:58 · Gosto

Regis Lews puta q pariu velho naum dica nessa porra de quem visitou o teu perfil! isso e um virus fihodaputa, eu ja tow raqueado!  
28/2 às 17:59 · Gosto · 3

Regis Lews fda!  
28/2 às 17:59 · Gosto

Davi Carvalho que virus?  
28/2 às 18:09 · Gosto

Pensamentos femininos e





### c) A reconstrução do “perfil tradicional” das mulheres:

## 8 coisas que tornam uma mulher apaixonante

Obs: também tem aquela que ele perdeu, que se apaixonou perdidamente depois.

**Humor Em Pânico**  
15/1

Com Jefferson Sombra, Bianca Alves, uma, 0, coisas, USTAÇLIK:50MDS, oua, apakio, tomam, bunda no lugar, nante e Anel.

Gosto · Comentar · Partilhar

445 pessoas gostam disto.

642 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 160

**Vanessa Lima** Eu sou assim...  
20/1 às 21:47 · Gosto

**Clebson Salm** kkkkkkkkkkkkk não reclamar muito é isso!  
20/1 às 21:48 · Gosto

**Vanessa Lima** rsrsrsrsrsr  
20/1 às 21:49 · Gosto

**Renato D. Junqueira** Fidelidade é o ponto forte de um relacionamento!!!!  
21/1 às 1:35 · Gosto

### Mulheres essencialmente emotivas:

**Pânico na Internet**  
há 18 horas

????

Gosto · Comentar · Partilhar

1.590 pessoas gostam disto.

2.621 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 184

**Suellen Marmo** Na TPM.....  
há 17 horas · Gosto

**Mariana Allão Sena** pq são emotivas o homem é mais frio  
há 17 horas · Gosto · 1

**Talia Fernanda** kkkk ;?) concordoooo.....!!  
há 17 horas · Gosto

**Andressa Alves Do Nascimento** verdade  
há 16 horas · Gosto

**Elidey Ferreira** e bem assim mesmo

### Mulheres ansiosas:

**Poder feminino**  
5 de Novembro de 2011

Temos estas ansiedades...lol

Sara Bandeira, Tânia Nogueira, Natthy Santos e outras 9 pessoas curtam isso.

29 compartilhamentos

**Maria De Lourdes Almeida** nem sabia q eu era adiosa shohushuahua  
8 de Novembro de 2011 às 09:42

**Nuno Costa Vilas** dovido...  
10 de Novembro de 2011 às 18:29

**Leonardo Jose** Pow mentira...  
15 de Janeiro às 18:29

**Stefany Lima** ruzs foto RUMNF ><  
29 de Fevereiro às 08:52



### Mulheres não dotadas de capacidades técnicas:

**8 DE MARÇO – DIA INTERNACIONAL DA MULHER ! ESTACIONAMENYO DA FESTA !!! kkkkkkkkkkkkkkkkk**

**Pânico na Internet**  
6/3

estacionamenyo

Gosto · Comentar · Partilhar

5.299 pessoas gostam disto.

12.431 partilhas

Ver comentários anteriores 360 de 3.215

**Marcela Dias** pior que é verdade e sou mulher para anuir  
9/3 às 23:13 · Gosto

**Robson Coelho Pinto** cortei 6.  
9/3 às 23:15 · Gosto

**Eudes Francisco Chagas** nãosei não tou pensando.!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!  
9/3 às 23:16 · Gosto

**Eudes Francisco Chagas** elvira tenta estacionar uma carreta.  
9/3 às 23:16 · Gosto · 1

**Eudes Francisco Chagas** mulher no volante perigo constate.ok elvira.  
9/3 às 23:16 · Gosto

### Mulheres complicadas:

www.cenasmaradas.com

**ENTENDENDO AS MULHERES**  
EDIÇÃO DE BOLSO, CAPÍTULO 1

**Cenas Maradas**  
21/1 através de Cenas Maradas

Gosto · Comentar · Partilhar

1.255 pessoas gostam disto.

669 comentários

A carregar...

**Isaias L. Tavares** isso so pode ser a edicao numero 1  
22/1 às 0:50 · Gosto

**Vera Felizardo** Não concordo, eu conheço homens bem mais complicados que eu....  
22/1 às 11:22 · Gosto

**Carolina Leal Pereira** Jesus A Paula Cristina Vierá Lucas têm razão os homens não conseguem viver sem nós!  
22/1 às 13:10 · Gosto

**Diego Montenegro** KKKK  
22/1 às 14:27 · Gosto

**Francisco De Assis Vieira** a mulher foi criada pra ser amada, não pra ser entendida entendida  
22/1 às 20:26 · Gosto

O que é que tens? Nada

Foi alguma coisa que eu disse? Não

Foi alguma coisa que eu não disse? Não

Foi algo que eu fiz? Não

Foi algo que eu não fiz? Não

Foi alguma coisa que disse, referente a algo que fiz, quando a coisa que fiz não deveria ter sido feita, ou pelo menos deveria ter sido feita de modo diferente, mais de acordo com os seus sentimentos?...

Talvez

Eu sabia!!!

**Tá Feio**  
31/1

Mulheres...

Gosto · Comentar · Partilhar

11.103 pessoas gostam disto.

4.065 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 658

**Jorge Nari** as mulheres são todas iguais .....so mudam o endereço.....rsrsrsrsrsrsr  
9/2 às 10:58 · Gosto

**Mauricio Brandler** hehehehe apsoooooo  
9/2 às 14:00 · Gosto

**Luisa Marques** Se sabia... não fazia tantas perguntas!!!!  
9/2 às 15:20 · Gosto · 2

**Jaynne Filbrick** não importa o que aconteça a culpa é sempre deles!!  
9/2 às 19:31 · Gosto



**O "NADA" DE UMA MULHER, PODE SIGNIFICAR "TUDO".**

**- O QUE TENS?**

ciúmes raiva  
 coisa cansada de tudo  
 triste stressada  
 ódio cansada raiva  
 ciúmes stressada  
 cansada de tudo  
 traição  
 ciúmes mentiras  
 amor triste  
 medo de perder

[WWW.TAFEIO.COM](http://WWW.TAFEIO.COM)

**Tá Feio**  
 17/2 através de PostCron

O "Nada" de uma Mulher...

Gosto · Comentar · Partilhar

4.342 pessoas gostam disto.  
 1.834 partilhas  
 Ver comentários anteriores 50 de 149

**Raquel Beatriz Costa** 24/2 às 20:54 · Gosto

**Catarina Azevedo** 25/2 às 10:27 · Gosto

**Clube das raparigas adolescentes portuguesas**

**Mulheres faladoras:**

**Descobri que o google é mulher...**

**Google**

Mal se começa a escrever uma frase já esta a dar palpites.

Adore o que me faziam rir

**Adoro coisas que me façam rir**  
 12/3

Com Carlos Alberto Bui Almeida

Gosto · Comentar · Partilhar

70 pessoas gostam disto.  
 91 partilhas

**Cidalia Magalhães** MULHER é bicho muito ruim!  
 12/3 às 22:09 · Gosto · 4/2

**Angela Silva** nesse k kaise maistre...  
 12/3 às 23:01 · Gosto · 4/3

**Annabel Lee** ehahaha que piada tao rola  
 12/3 às 23:10 · Gosto

**Paula Figueiras** cotado... que piada... lolol  
 há 20 horas · Gosto

**Rita Ferreira** e mesmo  
 há 16 horas · Gosto

**Mulheres dependentes:**

**QUANDO UMA MULHER SOFRE EM SILÊNCIO, É PORQUE ELA ESTÁ: SEM INTERNET**

**Tá Feio**  
 3/2

Gosto · Comentar · Partilhar

1.731 pessoas gostam disto.  
 397 partilhas

**Andriy Korotkevych** true story  
 3/2 às 20:56 · Gosto · 4/1

**Nano Rodrigo Valcovschi** HAHAHAHAHAHA  
 3/2 às 20:56 · Gosto

**André Batista** beol!  
 3/2 às 20:56 · Gosto · 4/4

**Gangalo Lopes** kik  
 3/2 às 20:57 · Gosto

**Lôu Rodrigues** que lndo...  
 3/2 às 20:57 · Gosto

**Maria Castro** verdade  
 3/2 às 20:57 · Gosto

**Zé Pedro Resende** e pq é mádo



## Mulheres ciumentas e agressivas:



**Tá Feio**  
7/2

Gosto · Comentar · Partilhar

4.974 pessoas gostam disto.  
1.396 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 143

**Andreia Ramos e verdade :)**  
8/2 às 17:53 · Gosto

**David Pinheiro DMG**  
8/2 às 18:57 · Gosto

**Viviana Soraia cue cidos a mudo e sumerka**  
8/2 às 20:32 · Gosto

**Carla Nunes 51 gotei ta bom**  
8/2 às 20:39 · Gosto

**Nádia Dimeles tem verdade**  
8/2 às 23:03 · Gosto

**André Frias Já viste se todas as raparigas pensassem assim? Não sei se era bom, ou mau xD**  
9/2 às 0:36 · Gosto



**Tá Feio**  
25/1

Já foste rapaz!! Já devias saber que, quando estás comprometidos, estás EXPRESSAMENTE PROIBIDO de fazer "Gosto" ou comentar o que quer seja doutra mulher que não a tua!

Gosto · Comentar · Partilhar

6.662 pessoas gostam disto.  
2.490 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 353

**Witor Fernandes Qual é aquele país em que um homem tem direito a sete (7) mulheres e mais quero ir viver para lá e o pensamento daquele pequeno hehehehehe...**  
1/2 às 21:24 · Gosto

**Eduardo Doumbia vezes mulheres são ciumentas pa caralho fago qual e o mal de comentar a foto de uma amiga (mais proxima)**  
2/2 às 22:46 · Gosto

**Miguel Sousa Freitas Erika era isso...**  
3/2 às 12:10 · Gosto

## Mulheres sem cérebro:



**Humor no Face**  
há 16 horas

HUsahuasdAHúdsahu

Guilherme Crescencio, Gisele Cristina, Paula Nascimento e outras 2.895 pessoas curtram isso.

4.293 compartilhamentos

**Ivana Cristina Silva KXXXX**  
há 14 horas

**Phablo Patricky**  
  
há 13 horas

**Amanda Góes ui**  
há 13 horas



**HUMOR** O Humor Em Pânico  
9/1 🗨

Com Digite Nos comentários @\* [337077059653579-0] sem o \* aperte enter e depois curta!

Gosto · Comentar · Partilhar

1.096 pessoas gostam disto.

2.490 partilhas

Ver comentários anteriores 100 de 308

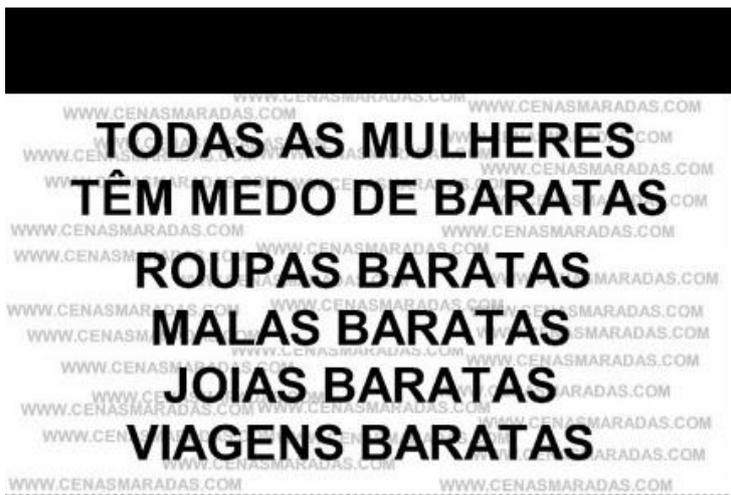
**Danny Ryuu** como se loira tivesse cérebro pra ser atacado XD  
27/1 às 1:22 · Gosto

**Nicolas Salgado** kkkk  
27/1 às 13:34 · Gosto

**Lui Zinho**

Me Adicione ?  
Obrigada, Tô fazendo novos amigos!

**Mulheres fúteis:**



**cenasmaradas**  
11/1 🗨

Gosto · Comentar · Partilhar

1.749 pessoas gostam disto.

1.827 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 94

**Isabel Costa** dire k o termo certo é fobia  
11/1 às 15:28 · Gosto

**Luzinete Oliveira** tu também... Hahaha  
11/1 às 15:28 · Gosto

**Paula Nascimento** mentr...  
11/1 às 15:14 · Gosto

**João Castro** local  
11/1 às 15:30 · Gosto

**Odette Martins** that's really funny!  
11/1 às 15:40 · Gosto

**Sónia Cunha** k piada lol  
11/1 às 15:52 · Gosto



**cenasmaradas**  
31 de Janeiro 🗨

Ana Cristina Saraiva, Vasco Rafael, Antonio Jose e outras 2.331 pessoas curtam isso.

3.652 compartilhamentos

**Ramiro Carvalho** já mandem, oha quem manda na troika e assim na europa?  
31 de Janeiro às 10:49

**Maria Clementina Galocha** eu queria que fosse assim  
31 de Janeiro às 11:07

**Elisabete Pinto da Silva** É por isso que usar farda dá jeito, tiramos o trabalho de pensar...  
31 de Janeiro às 11:22 · a3 1

**Carlos Flores** Por isso é q nunca dominaram nem vão dominar...vão continuar á procura da roupa adequada.  
31 de Janeiro às 11:43 · a3 1

**Maria Leonor Pinto Clero**... XD :)  
31 de Janeiro às 11:46

**Carlota Mata** 2 words: Angela Merkel. Já vivem com os homens poderosos. E também as botas?







### Mulheres falocêtricas:



**NÃO FAÇAS ISSO!!**  
ELA NÃO ESTÁ EXCITADA. ESTÁ COM FOME!!

**Tá Feio**  
31/1 através de Post/Clon @

Não fe desgraças rapaz!!

Gosto · Comentar · Partilhar

4.475 pessoas gostam disto.

1.022 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 308

**Paulo Machado** Não faças isto em casa xD  
3/2 às 19:14 · Gosto

**Luis Oliveira** deve ser rum de alimentar  
3/2 às 20:23 · Gosto

**Daniel Ferreira Damas** xD  
3/2 às 23:24 · Gosto

**Kez Teixeira** menos.  
4/2 às 8:27 · Gosto

**Kez Teixeira** <<  
4/2 às 7:27 · Gosto

**Ulisses Manuel** ai minha nossa...  
4/2 às 19:22 · Gosto

### Mulheres diabólicas:

**SE MULHER FOSSE COISA BOA,  
DEUS SERIA CASADO .**



**SE MULHER FOSSE CONFIÁVEL ,  
O DIABO NÃO TERIA CHIFRES .**

**MULHER BONITA TEM  
O DIABO NO CORPO**  
Provérbio Grego



**Adoro coisas que me façam rir**  
8/3 @

Quem concorda , faz um LIKE . — com Carlos Alberto Eu Adredito.

Gosto · Comentar · Partilhar

82 pessoas gostam disto.

146 partilhas

**"Coisas do coração."** Curbs? xD  
8/3 às 15:44 · Gosto

**Monika Cunha** tem disse e e por causa de mulher k o diabo tem chifres??!! .....  
8/3 às 15:52 · Gosto · #03

**Antonio Lopes** Ah!Ah!Ah!  
9/3 às 15:55 · Gosto

**Anibal Albuquerque Andrade** Pode \_se\_ estar casado sem ser casado.  
9/3 às 15:59 · Gosto

**Paulo Fernandes** Esta está muito boa eeeheheheh  
12/3 às 17:19 · Gosto

**Adoro coisas que me façam rir**  
8/3 @

Curte | Faz-me um like !

Gosto · Comentar · Partilhar

100 pessoas gostam disto.

69 partilhas

**Miguel Teixeira** ;)  
8/3 às 14:10 · Gosto

**Levi Moreira da Costa** Mulheres, não permitam que vos transformem em objetos...  
8/3 às 14:30 · Gosto

**Jorge Magalhães** Estou de acordo com o provérbio  
8/3 às 14:33 · Gosto

**Carlos Ferraria** (neste caso) eu chamo silicone,mas ok!!  
8/3 às 16:01 · Gosto · #01

**Jaime Fena** o diabo sou eu essa mulher é uma puta e mais nada  
8/3 às 18:10 · Gosto





## O que um homem procura em uma mulher



Com Jorge Abreu.

Gosto · Comentar · Partilhar

47 pessoas gostam disto.

46 partilhas

Alda Cristina Pereira Tá boa essa!!!  
26/2 às 12:14 · Gosto

Carla Silva lol  
26/2 às 18:12 · Gosto

João Simões que é feito de ti carla  
26/2 às 18:16 · Gosto

Luisa Curado esta é mesmo fixe  
29/2 às 19:42 · Gosto

Rui Lourenço Boa  
1/3 às 8:31 · Gosto

Júlio Sousa xD  
14/3 às 22:32 · Gosto

Luis Manuel he he he

# Atrás de uma grande mulher, sempre haverá um homem\*

\* Olhando pra bunda dela

www.testosterona.blog.br

**PODER FEMININO**

Poder feminino  
13 de Novembro de 2011

sempre...

Beatriz Gouvêa, Devarir Faria, Regina Helena Neves Rossi e outras 4 pessoas curtiram isso.

15 compartilhamentos

# COMO OS HOMENS VÊM AS MULHERES

FACEBOOK.COM/TAFEIO

**Tá Feio**

24/1

Como os homens vêem as mulheres

Gosto · Comentar · Partilhar

2.437 pessoas gostam disto.

553 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 207

Tiago Gonçalves mas nem todos né? ahahahahah  
24/1 às 19:11 · Gosto

João Santos True lie.  
24/1 às 19:18 · Gosto

Francisco Manuel O lado bom...  
24/1 às 19:18 · Gosto

Luis Filipe O porra essa e a .... Espera um segundo estou quase a me recordar. Mas quem será ela  
24/1 às 20:47 · Gosto

Sophie Seromenho bem bom  
24/1 às 20:48 · Gosto · 1



**Poder feminino**  
11 de Novembro de 2011

Paula Maria, Marquela Maira Pfffer e outras 2 pessoas curtiram isso.

12 compartilhamentos

- Aura Martins** geração XBOX LOL....  
11 de Novembro de 2011 às 17:01
- Paula Maria** Fenomenal!  
11 de Novembro de 2011 às 17:40
- Rejane Reji** se é que eles iam conseguir!!!  
21 de Novembro de 2011 às 12:41

**d) A sexualização das mulheres no âmbito do público/masculino:**



**Adoro coisas que me façam rir**  
28/2

Com Joaquim Mendes Encarnação.

Gosto · Comentar · Partilhar

29 pessoas gostam disto.

32 perfis

- Cecilia Pereira** Nada mel  
23/2 às 15:33 · Gosto · 4/1
- Cecilia Pereira** Nada mel  
23/2 às 15:33 · Gosto · 4/1
- Helber Fernando Oliveira Costa** Ica a prestar de uma pera a minha empresa  
23/2 às 15:05 · Gosto
- Levi Moreira da Costa** Assim e não ter luck, a todo a gente, disto de ter graça, não é?????  
23/2 às 17:22 · Gosto
- Joaquim Mendes Encarnação** Qual é o homem que se prende a gosto de mulheres, que não admire uma coisa mais do que  
23/2 às 20:12 · Gosto



**TÁ FEIO**  
24/1

Acho que ela o convenceu!

Gosto · Comentar · Partilhar

2.406 pessoas gostam disto.

596 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 65

- Joaquim Bernardo** E se o silicone rebenta...? Lá tem o chefe das despesas. Anterior nova fotópladora... e reparar o silicone.  
24/1 às 11:30 · Gosto
- Antonio Ricardo** Esse patrão é mesmo lerdo... pediu ter pedido três.  
24/1 às 11:29 · Gosto
- João Pedro Pante** LOL  
24/1 às 11:40 · Gosto
- Jose Reis** não era preciso levar tudo a letra colmeix, ke o Brazil e nosso munica o deixou de ser!!!  
24/1 às 11:59 · Gosto



**Tá Feio**  
22/1

E assim? Já gostam mais de matemática?

Gosto · Comentar · Partilhar

4.649 pessoas gostam disto,  
769 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 638

**Iryna Semenyuk** Se fosse um homem todo bom!!! isso e k seria bom  
1/2 às 15:46 · Gosto · 1

**Dinu Turco** so marcar dia e hora haha :p  
1/2 às 21:17 · Gosto · 1

**Claudia Rodrigues** Sabe estar atenta á matéria, não ja está pensar no Verão e o Inverno ainda está pra chegar...Loool!!!!  
2/2 às 14:59 · Gosto

**Miguel Caturna** assim ate eu gosto de matematica  
3/2 às 8:35 · Gosto

**Paulo Soares** ui :o

**CERVEJARIA NOVAS OPORTUNIDADES**  
Aqui damos oportunidade de trabalho  
a toda a gente !



**Adoro coisas que me façam rir**  
13/2

Com Silvério Vasconcelos e Kaliste Kafé.

Gosto · Comentar · Partilhar

281 pessoas gostam disto,  
224 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 69

**Jorge Penelas** talvez grosso... digo eu  
13/2 às 19:49 · Gosto · 1

**Fernando Aires** havia de ser bonito...um bar destes aí na zona eheheh...divorciados e despedimentos era a portapé...  
13/2 às 19:47 · Gosto · 1

**Jorge Penelas** não...não...deixa o estar aí...  
13/2 às 19:49 · Gosto · 2

**Anibal Albuquerque Andrade** O sabor de imperial espitouse...eu fui lá...  
13/2 às 19:49 · Gosto · 1

**SÓ ASSIM É QUE SE ARRANJA EMPREGO**



Vou ter que mudar de profissão!

Boa como o milho!

Experta, assim arranja mais clientes!

**Adoro coisas que me façam rir**  
30/1

Gosto · Comentar · Partilhar

45 pessoas gostam disto,  
51 partilhas

Escreve um comentário...

**Patrocinado**

**Sarah Pacini**  
tease the sun  
Make the sun your fashion accessory! Sarah Pacini will make your skin glow...

Activar o Windows agora



**MULHER NO FUTEBOL É PIOR QUE MULHER POLÍCIA**



Adoro coisas que me façam rir 3/2

Com Bela Maria.

Gosto · Comentar · Partilhar

47 pessoas gostam disto.

88 partilhas

Miguel Teixeira **ufortel** 3/2 às 21:42 · Gosto

Manuel Durão só ligo a carne verdadeira 11/2 às 23:02 · Gosto

Escreve um comentário...

Patrocinado

Rock in Rio e Continente  
rodinno.com/continente.pt



**SIM**  
Existem pessoas boas na policia  
Adoro coisas que me façam rir

Adoro coisas que me façam rir 30/1

Com Cowboy Solitario, Nilton Pereira e Cowboy Solitario.

Gosto · Comentar · Partilhar

629 pessoas gostam disto.

530 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 131

Jasson Afonso de Oliveira na hora do sufoco, vou abres da policia... 2/2 às 16:22 · Gosto

Paulo Sergio a coisa boa! lera so empanar! lol! 2/2 às 17:49 · Gosto

Mario Jorge Da Silva adoro coisas que me fazem rir com um V. 2/2 às 18:13 · Gosto

Maria Del Carmen Colomar no importa que dispare, si se cae encima... los mala 2/2 às 18:40 · Gosto

e) A inversão dos papéis tradicionais:

**SE AS MULHERES DOMINASSEM O MUNDO NÃO HAVERIA GUERRAS**

HAVERIA SIM, UM BANDO DE PAÍSES INVEJOSOS QUE NÃO FALAVAM UNS COM OS OUTROS

Tá Feio 4/2

Gosto · Comentar · Partilhar

2.401 pessoas gostam disto.

608 partilhas

David Santos **MESMO** 4/2 às 11:55 · Gosto

Dino Barros True story 4/2 às 11:55 · Gosto · e3 2

Sérgio Carêlo **LOOL** 4/2 às 11:55 · Gosto

Joana Silva sechoar ela nem era pior... =) 4/2 às 11:55 · Gosto · e3 14

Ioan Flavius Não haviam preservativos 4/2 às 11:57 · Gosto · e3 1

Ricardo Silva Merka é um bom exemplo!!! 4/2 às 11:58 · Gosto · e3 2



## Homens quando vão comprar algo que as mulheres pediram



WWW.CENASMAISBOAS.COM

Gosto · Comentar · Partilhar

813 pessoas gostam disto.

504 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 72

**Ines Mazzini** Espectacular!!!  
4/3 às 11:10 · Gosto

**Lucilia Almeida Cruz** Exactamente assim! ;-(  
4/3 às 11:31 · Gosto

**Olinda E António Pinto** é giro é quando vão comprar , pensos higiénicos :)  
4/3 às 11:41 · Gosto · 1

**Joaquim António Courelas Elisio** Ou será que estão a combinar o joguinho de futebol de 4ª feira com os amigos ? ...  
4/3 às 11:57 · Gosto

**Joaquim Homem** lolol eu nao ligo a eu ficou e sempre com a calculadora na mão a ver em que quantia e que ficam as compras  
4/3 às 12:15 · Gosto

Escreve um comentário...

## Coisa Rara

Os homens distinguem-se pelo que fazem, as mulheres pelo que levam os homens a fazer.



Adoro coisas que me façam rir

**Adoro coisas que me façam rir**  
14/3

Final não são todos iguais. Quem concorda faz um like!

Gosto · Comentar · Partilhar

99 pessoas gostam disto.

72 partilhas

**Nikinhos César** lol  
14/3 às 23:49 · Gosto

**Alexandra Andrade** Que "riqueza"!!!!  
15/3 às 22:49 · Gosto

**Teresa Amaral** Ino menino  
15/3 às 18:43 · Gosto

**Teresa** Brás muito bem !!  
15/3 às 20:37 · Gosto · 1

**Hugo Minhava** Só mesmo para a foto, nota-se! lolooooooooooooo  
17/3 às 8:55 · Gosto



heitorfalabella.com

## HOMEM QUE LAVA LOUÇAS:

**Pânico na Internet**  
14/2 através de telemóvel

Gosto · Comentar · Partilhar

3.840 pessoas gostam disto.

6.676 partilhas

Ver comentários anteriores 50 de 616

**Jorge Luiz Cardoso** eu lavó --  
1/3 às 0:42 · Gosto

**Luciano Oliveira** Eu Lavoo :D  
1/3 às 1:16 · Gosto

**Felipe Fabricio** Ja pirou...  
1/3 às 1:33 · Gosto

**Diego Mendes** nao curto lava louça mais curto cozinha =>D lava louça e misao hard na cozinha ...  
1/3 às 4:02 · Gosto · 1

**Bruno Ochotorena** lavar louça é level hard msm x.x  
1/3 às 5:37 · Gosto

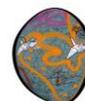
**Gabriela Baldissarelli** 2. Feche sua mão 3. Diga o nome de um dia da semana



f) A reconstrução do “perfil tradicional” dos homens:







#### 4. Online: Processos de Socialização Generizados

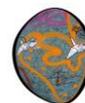
As “comunidades de entretenimento”, quando comparadas com outras comunidades, tais como as “comunidades feministas”, as “comunidades da sociedade civil”, as “comunidades governamentais” – que postam conteúdos com os quais se alerta para as situações de desigualdade e violência entre os géneros e se divulgam ações de sensibilização e informação sobre as mesmas – são as que, no Facebook, têm maior número de aderentes. Há mesmo uma diferença abismal entre o número de aderentes às comunidades que tratam a problemática das relações sociais de género de forma risível e as que as tentam tratar com a seriedade que elas merecem.

Os adolescentes integram-se nestas “comunidades de entretenimento” e comentam os seus conteúdos. Estes são sinalizados com o símbolo “Gosto” e são partilhados milhentas vezes. Constantemente nos deparamos com esses conteúdos transferidos das páginas destas comunidades para as páginas pessoais dos seus aderentes e daí para as páginas dos seus “amigos”, num número e numa sucessão que não seríamos capazes de contabilizar. Neste processo de partilha participam também os adultos, homens e mulheres, mesmo aqueles e aquelas que se dizem a favor da igualdade de género. Questionados publicamente, ou de forma confidencial, sobre o facto, a sua grande maioria responde: “isto dá vontade de rir!”, “isto é verdade!”

Numa análise mais apurada das imagens e dos comentários que nos aparecem nas páginas de acesso livre, verificamos que os que são postados, sinalizados com o símbolo “gosto”, comentados e partilhados<sup>1</sup>, em maior número, são os que se relacionam com as categorias: “A diferenciação entre o feminino e o masculino” e “A reconstrução do ‘perfil tradicional’ das mulheres”. Os aderentes destas comunidades, rapazes e raparigas, homens e mulheres, ao mesmo tempo que riem das diferenças (quantas vezes assimétricas) entre os homens e as mulheres, assim como das perceções e comportamentos ditos femininos, renaturalizam e reconsolidam a desvalorização social dos papéis e das “identidades” femininas.

E, se tivermos em consideração que a categoria “A reconstrução do perfil tradicional dos homens” merece menor número de sinalizações face às anteriores, ficamos em condições de dizer que o Facebook é uma instância onde se desenvolvem processos de

<sup>1</sup> Em alguns casos, o número de partilhas é superior ao número das sinalizações “gosto”, o que nos leva a crer que há quem partilhe (uma vez que o Facebook dá essa opção) sem revelar a fonte de origem.



socialização generizada. Estes processos, em constante reativação, têm a particularidade de, uma vez mais, estamos em crer, reconsolidar as ideologias de género assentes nos pressupostos do *naturalismo*, do *essencialismo*, do *diferencialismo*. Pois, os critérios que enformam a diferença biológica e a consequente diferenciação social entre os homens e as mulheres são encarados, na maior parte dos discursos/comentários, como “a pura verdade”. “É mesmo assim!”

Esta “pura verdade” é apregoada tanto por rapazes como por raparigas, tanto por homens como por mulheres, sendo escritos em muito menor número, por parte destes actores, comentários com os quais se tenta desfazer esta “verdade universal”.

Conquanto assim seja, o certo é que em menor número de vezes se procede, nas “comunidades de entretenimento” analisadas, à “alocação das mulheres ao desenvolvimento de tarefas domésticas”. No entanto, quando isto se faz, as imagens postadas são reveladoras de formas de machismo extremo.

Estamos em condições de dizer que na era das socializações online se operou a uma mudança significativa nas formas como se institui a desigualdade. A ideologia do *cuidado* e do *maternalismo público* com as quais, durante muito tempo, se procedeu à inserção estratégica das mulheres nas atividades da esfera pública têm sido substituídas pela *racionalidade da hipersexualização*.

Assim acontece porque no contexto da economia capitalista do século XXI a hipersexualização está ao serviço das grandes indústrias que de aqui retiram grandes lucros. “A hipersexualização funda-se numa licitação sexual que se opera tanto nos meios de comunicação como nas relações entre as pessoas” (Goldfarb *et al.*, 2007). A hipersexualização, a par da pornografia, modela os comportamentos sexuais e, para lá do sexo, os comportamentos sociais das mulheres e dos homens. Em suma, tende a mostrar o que os seus produtores consideram ser a própria essência do feminino e do masculino (Poulin e Laprade, 2006).

Vemos, nas páginas das “comunidades de entretenimento” analisadas, inúmeros conteúdos digitais onde a hipersexualização faz furor e com os quais a sexualidade é banalizada. Esta hipersexualização é, também ela, generizada. São os corpos das mulheres que aí são apresentados como mercadoria desejável e que permitem a difusão do estereótipo mulher-objeto/homem-dominador. Definitivamente, a imagem da mulher na cozinha, com o cabelo preso e de avental, a enunciar os benefícios de uma margarina (pese embora os esforços das políticas neoliberais mais conservadoras e a formatação de um Estado como agência de socialização que fomenta o regresso ao natural), não vende tanto quanto a imagem de uma mulher hipersexy no escritório ou na escola.

E, quando se trata de conteúdos que fazem referência à “inversão dos papéis tradicionais”, o mais certo é que estes, tal como muitos outros, se apresentem sob forma de imagens caricaturais e cómicas que provocam o riso. Papéis sociais invertidos? LOL... Aliás um dos truques é precisamente esse: fazer rir, fazer com que o acrónimo LOL (laugh out loud – rindo muito) seja escrito o maior número de vezes possível e que, na sua consequência, o conteúdo seja partilhado. LOL, por si só, serve para mostrar que o conteúdo foi aprovado pelo aderente, sendo que este não precisa de acrescentar mais nada, nem um simples comentário, muito menos um comentário crítico com o qual se ponha em causa, se questione, se desaprove o dito conteúdo. Assim, mesmo que haja curtas manifestações discursivas com as quais as pessoas, raparigas e rapazes, homens e mulheres, manifestam a sua discordância de opinião face às opiniões gerais: “Não é bem assim!”, estas opiniões pontuais são ofuscadas por uma série de LOL – KKKKKKK – rrsrrsrrsr. O símbolo “Não Gosto” não existe no Facebook.



E quanto aos conteúdos que permitem a desconstrução dos estereótipos de género? São raríssimos nestas páginas por nós alisadas. E, assim se vão formando “identidades”, assim se vão afirmando novos processos de socialização generizada no Facebook...

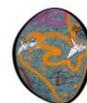
### **Conclusão**

Uma sociologia crítica não pode alhear-se da apresentação, discussão e análise destes novos processos de socialização – a que chamamos processos de socialização online – até porque os mesmos dão uma força substantiva aos tradicionais processos de socialização primários e secundários, reforçando-os, mesmo que sob formas ditas virtuais mas que, estamos em crer, com impactos significativos na construção e reconstrução, ao longo da vida, de práticas generizadas, isto é práticas advindas e/ou sendo causa de modelos, processos e contextos de socialização que resultam e/ou se manifestam marcadas por concepções estereotipadas no que se refere às relações sociais de género.

O conceito de socialização continuará a ser um porto seguro na análise sociológica se com o mesmo se considerar que as socializações não estão em crise, elas circulam em redes virtuais e ainda não se sabe se estas redes serão suficientemente elásticas para permitir a fuga, a resistência, a crítica à dominação através de conteúdos digitais que forneçam as bases de possibilidade de auto-emancipação e emancipação social – ou não serão essas as finalidades últimas da tecnologia?

### **Bibliografia**

- AMÂNCIO, Lígia (1994) *Masculino e Feminino - A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- BOURDIEU, Pierre (1999) *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- BRETON, Philippe et PROULX, Serge (2002). *L'explosion de la communication à l'aube du 21e siècle*. Paris: La Découverte.
- Falar Global* (Janeiro 2012) Facebook é pior do que CIA. Disponível em [http://www.falarglobal.com/final/videos.htm?id=331&cat=global\\_net&tipologia=rubricas](http://www.falarglobal.com/final/videos.htm?id=331&cat=global_net&tipologia=rubricas) (Consultado a 29 de Março de 2012).
- GOLDFARB, L. ; DUQUET, F. ; COULOMBE, D. ; PLAMANDON, G. (2007) Hypersexualisation des jeunes filles: conséquences et pistes d'action. *RQASF – Actes Le marché de la beauté... Un enjeu de santé publique*. Disponível em [http://rqasf.qc.ca/files/actes-colloque\\_hypersexualisation\\_0.pdf](http://rqasf.qc.ca/files/actes-colloque_hypersexualisation_0.pdf) (Consultado a 25 de Março de 2012).
- HERRING, Susan C. (2001) Gender and Power in Online Communication. *Center for Social Informatics Working Paper*, N°. WP- pp. 01-05. Disponível em <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/1024/WP01-05B.html> (Consultado a 26 de Março de 2012).
- LECHNER, Marie (2012) Le Systaime attise le trash. *Libération* (24 mars 2012) Disponível em <http://www.ecrans.fr/Le-Systaime-attise-le-trash,12474.html> (Consultado a 30 de Março de 2012).
- LEFRET, Frédéric (2011) Les Loisirs des Jeunes Franciliens de 15 A 25 ans à L'Ere Numérique. Disponível em [http://www.cesr-ile-de-france.fr/cesr\\_doc/rapport\\_pdf/rapport09\\_cult\\_loisirsjeunes.pdf](http://www.cesr-ile-de-france.fr/cesr_doc/rapport_pdf/rapport09_cult_loisirsjeunes.pdf) (Consultado a 30 de Março de 2012).



- METTON, Céline (2004) Les usages de l'Internet par les collégiens. *Réseaux* 1/2004, N° 123, pp. 59-84. Disponível em [www.cairn.info/revue-reseaux-2004-1-page-59.htm](http://www.cairn.info/revue-reseaux-2004-1-page-59.htm). (Consultado a 25 de Março de 2012).
- ROUYER, Véronique *et. al.*, (2010) Introduction. Socialisation de genre: le point de vue du sujet. In *Genre et socialisation de l'enfance à l'âge adulte*. Toulouse: érès, pp. 7-13. Disponível em <http://www.cairn.info/genre-et-socialisation--9782749212937-page-7.htm> (Consultado a 20 de Março de 2012).
- VALENDUC, Gérard e VENDRAMIN, Patricia (2004) Fractures numériques, inégalités sociales et processus d'appropriation des innovations (2004). *Intervention au Colloque international TIC et inégalités: les fractures numériques*, 18-19 novembre 2004, Paris. Disponível em <http://irene.asso.free.fr/digitaldivides/papers/vendramin.pdf> (Consultado a 25 de Março de 2012).
- VALENDUC, Gérard e VENDRAMIN, Patricia (2007) La Technologie et le Genre (I). Une question sociale récurrente. *Notes Éducation Permanente*. N° 2007-10, pp. 1-3 Disponível em <http://www.ftu.be/documents/ep/EP10-07.pdf> (Consultado a 25 de Março de 2012).
- POULIN, Richard et Laprade, Amélie (2006) *Hypersexualisation, érotisation et pornographie chez les jeunes*. Disponível em Sisyphe.org. 7mars 2006. [http://sisyphe.org/article.php3?id\\_article=2268](http://sisyphe.org/article.php3?id_article=2268) (Consultado a 25 de Março de 2012).